

A construção do *ethos* como estratégia argumentativa no artigo de opinião jornalístico

(The *ethos* construction as an argumentative strategy in a journalistic opinion piece)

Ana Cláudia Ferreira da Silveira¹

¹Programa de Mestrado em Linguística – Universidade de Franca (Unifran)

anafdasilveira@yahoo.com.br

Abstract: A journalistic opinion piece is characterized by the argumentative activity oriented towards the defense of a point of view on different themes. In order to defend his thesis, the orator articulates proofs which support his discourse. According to Aristotle, in rhetoric, such proofs are relative to the discourse itself (*logos*) through arguments and figures; through the passions felt by the auditorium (*pathos*) and, finally, through the self-image constructed by the orator during the discursive activity (*ethos*). All these proofs are coordinated and oriented regarding the final objective of rhetoric discourse, which is to persuade. In the present paper, our focus shall be upon the analysis of the *ethos* as an argumentative strategy in a journalistic opinion piece, whose title is “Para além do niilismo” (Folha de S.Paulo, May 6th, 2013).

Keywords: *ethos*; argumentation and rhetoric; Luiz Felipe Pondé; journalistic opinion piece.

Resumo: O artigo de opinião jornalístico é caracterizado pela atividade argumentativa orientada à defesa de um ponto de vista acerca de temas diversos. Para defender sua tese, o orador articula provas que fundamentem o seu discurso. Segundo Aristóteles, em retórica, tais provas são relativas ao próprio discurso (*logos*) por meio dos argumentos e das figuras; ao auditório, por meio das paixões que lhe são despertadas (*pathos*); e, finalmente, à imagem de si que o próprio orador constrói na atividade discursiva (*ethos*). Todas essas provas são coordenadas e orientadas ao fim último do discurso retórico: persuadir. No presente trabalho, privilegiar-se-á a análise do *ethos* como estratégia argumentativa no artigo opinativo intitulado “Para além do niilismo” (Folha de S. Paulo, 06/05/2013).

Palavras-chave: *ethos*; argumentação e retórica; Luiz Felipe Pondé; artigo de opinião jornalístico.

Introdução

O artigo de opinião é um gênero jornalístico que objetiva expor um ponto de vista sobre um determinado tema (comportamento, religião, economia, política, ciência, etc.). O articulista geralmente é especialista nos temas tratados na coluna em questão. Os leitores leem tal coluna justamente para conhecerem a opinião e a avaliação de um especialista acerca de um tema atual.

A significação maior do gênero está contida no ponto de vista que alguém expõe. E essa avaliação não pode estar oculta, eventualmente dissimulada na argumentação (como por vezes ocorre no comentário), mas deve apresentar-se claramente, explicitamente. A opinião ali emitida vincula-se à assinatura do autor; o leitor a procura exatamente para saber como o articulista (em geral personalidade destacada) pensa e reage diante da cena atual. (MELO, 1985, p. 93)

Sobre o gênero, Melo (1985, p. 92) afirma “tratar-se de uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve uma ideia e apresenta sua opinião”. Ora, a fim

de sustentar sua opinião e convencer ou persuadir seu auditório/leitor, o orador/articulista precisa conduzir bem sua argumentação. Diferente de outros gêneros jornalísticos como o editorial, por exemplo, o artigo de opinião expõe e defende explicitamente o ponto de vista do articulista. Por isso, o juízo de valor emitido não é do veículo de comunicação, a opinião emitida é do autor.

Para Martín Vivaldi (1973¹ apud MELO, 1985, p. 92), o artigo de opinião é “escrito, de conteúdo amplo e variado, de forma diversa, na qual se interpreta, julga ou explica um fato ou uma idéia atuais, de especial transcendência, segundo a conveniência do articulista”. Ao expor sua opinião, seu posicionamento frente a uma questão, o orador/articulista objetiva persuadir o auditório/leitor. O discurso retórico se caracteriza, então, pela intenção de persuadir um determinado auditório que se encontra diante de uma questão polêmica. Para tanto, o orador utiliza mecanismos linguísticos, retóricos e argumentativos para construir seu discurso e fundamentar sua tese. Vale lembrar que todo discurso é, por excelência, uma construção retórica, já que procura conduzir o auditório numa direção determinada e projetar um ponto de vista, em busca da adesão (FERREIRA, 2010). A fim de projetar o seu ponto de vista, de sustentar a sua tese, o orador articula as seguintes provas retóricas: *ethos* (a imagem que o orador constrói de si mesmo por meio do discurso), *pathos* (as paixões e emoções despertadas no auditório com vistas à adesão das ideias apresentadas) e *logos* (as técnicas argumentativas, raciocínios e figuras articuladas na instância discursiva). Embora as três provas sejam encontradas de forma concomitante, é possível perceber um predomínio de uma delas.

Para o propósito deste artigo, analisaremos como a construção do *ethos* do articulista – proporcionada, sobretudo, pelas escolhas lexicais e por meio da (re)hierarquização dos valores, ou seja, pelo recurso ao *logos* – foi utilizada como um instrumento de persuasão no artigo selecionado para análise.

A construção da imagem de si pelo discurso: o *ethos*

Segundo Aristóteles (2012), quase se poderia dizer que o caráter [*ethos*] constitui o principal meio de persuasão. Plantin (2008, p. 112) afirma que ele age por empatia, por identificação e transferência. O autor prossegue dizendo que “aderir a um discurso é sempre, no fundo, identificar-se com seu autor”. E distingue dois elementos constitutivos da autoridade (“caráter moral”, *ethos*) do locutor.

- * Um elemento extradiscursivo, independente do discurso: “Uma prevenção favorável ao orador” (Aristóteles, *Retórica*, I, 77), da ordem da reputação, do prestígio, até mesmo do carisma.
- * Um primeiro elemento intradiscursivo, “efeito do próprio discurso”, que é a impressão, o fantasma do autor construído a partir da leitura de um texto. A identidade “ética” do locutor é construída a partir de traços idiossincráticos de todos os níveis, [...] os usos lexicais, a sintaxe, etc.

“Ético é a palavra que vem do grego *ethos* e equivale a costume, caráter. Para Aristóteles, liga-se à imagem que o orador constrói de si no discurso, corresponde a uma instância subjetiva do próprio enunciador” (FERREIRA, 2010, p. 90). Reboul (2004)

¹ MARTÍN VIVALDI, Gonzalo. *Géneros periodísticos*. Madri: Paraninfo, 1973. (cap. IV o artigo jornalístico).

acrescenta dizendo que *ethos* é o caráter que o orador deverá assumir visando inspirar confiança no auditório. Quaisquer que sejam os argumentos lógicos utilizados, sem tal confiança, o processo persuasivo torna-se comprometido. Meyer (1998) afirma que o *ethos* desempenha, assim, uma função mais determinante: a credibilidade daquele que fala e propõe, a sua autoridade, encerrará as dúvidas, teoricamente sem fim, acerca das respostas propostas. De resto, a autoridade assenta frequentemente na institucionalização: o papel social e o “lugar” que o orador ocupa (“é ou não um especialista na questão?”, pergunta-se o interlocutor).

Outra questão relativa ao *ethos* é a da moralidade. O *ethos* é um termo moral, isto é, trata-se do caráter moral que o orador deve parecer ter, mesmo se, na realidade, não o tiver. Ou seja, o que importa é a imagem criada por ele durante o processo argumentativo, o que demonstra no discurso; e não o seu estatuto ontológico. A respeito disso Dayoub (2004, p. 15) afirma o seguinte:

Durante a apresentação de seus argumentos, o orador pode, perfeitamente, atuar como um ator teatral, imprimindo ao contexto de suas palavras um caráter diferente daquele que ele próprio imprime como indivíduo. Além dos argumentos, o orador convencerá pela imagem, ou melhor, pela sua atuação no momento do discurso.

Ainda acerca disso, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) exprimem que, se a pessoa do orador fornece um contexto ao discurso, este último, por outro lado, determina a opinião que dele se terá. O que os antigos chamavam de *ethos oratório* se resume à impressão que o orador, por suas palavras, dá de si mesmo.

A fim de construir sua imagem no e pelo discurso, o orador efetuará determinadas escolhas que contribuirão para esse processo. Nesse raciocínio, Eggs (2013, p. 3, grifos nossos) afirma o seguinte: “o lugar que engendra o *ethos* é [...] o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra mediante as escolhas feitas por ele. De fato, ‘toda forma de se expressar’ resulta de uma escolha entre várias possibilidades linguísticas e estilísticas”. Finalmente, é-nos interessante observar a importância do *ethos* no processo de argumentação de um determinado discurso – tal função constitui o interesse da retórica. Juntamente com as demais provas, ele coopera na sustentação da tese e na possível persuasão do auditório. Segundo Plantin (2008), diferentes teorias das interações estudam o *ethos* numa perspectiva diversa; contudo, à retórica interessa o caso em que as manobras de “apresentação de si” são postas a serviço de uma intenção estratégica e coorientadas com os propósitos gerais da argumentação.

Pois bem, após as considerações sobre o artigo de opinião e sobre o *ethos* retórico, passemos à análise proposta para este artigo. Vale lembrar que, embora a foco deste trabalho seja a análise do *ethos* como estratégia argumentativa no gênero selecionado, considerar-se-ão os argumentos, as figuras e demais mecanismos retóricos que, de forma conjunta, cooperam à construção da imagem que o orador faz de si mesmo visando à persuasão.

Análise do artigo “Para além do niilismo”²

O autor inicia o artigo da seguinte forma:

O leitor sabe que meu pecado espiritual é o niilismo. Enfrento-o dia a dia como qualquer moléstia incurável. O tema já foi tratado por gênios como Nietzsche, Turguêniev, Dostoiévski, Cioran. Deixo meu leitor em companhia desses gigantes, muito melhores do que eu.

O início do discurso serve como preparação do caminho que se segue posteriormente, no processo da narração. Na fase inicial, a tese já é indicada por meio de elementos pertencentes às três provas³ técnicas da retórica: *logos*, *pathos* e *ethos*. As provas éticas (*ethos*) e patéticas (*pathos*) são predominantes na fase correspondente ao exórdio porque, nessa fase, elas possuem um lugar de predileção. Contudo, no fragmento em análise, pode-se verificar também o recurso ao *logos* que, nesse caso, fica evidenciado pelas escolhas lexicais (*pecado espiritual*, *moléstia incurável*) associadas ao termo “niilismo”. Além disso, acerca da fase inicial do discurso, o orador procura estabelecer um acordo com o auditório; tanto o desenvolvimento quanto o ponto de partida da argumentação pressupõem esse acordo (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Nas expressões: *o leitor sabe...* e *deixo meu leitor em companhia...*, o autor pressupõe que a primeira expressão já seja aceita pelo leitor (constituindo, então, um ponto de partida para o desenvolvimento do artigo). Ademais, na expressão *Deixo meu leitor em companhia desses gigantes, muito melhores do que eu*, é possível identificar a figura denominada *cleuasmo* – aquela em que o orador finge depreciar-se visando fazer-se mais apreciar (REBOUL, 2004).

O autor continua:

A tragédia também me acompanha em todo café da manhã, essa concepção grega de mundo que julgo a mais correta já pensada. Aqui tenho grandes parceiros como o autor da tragédia ática Sófocles (entre outros), o filósofo Nietzsche, o dramaturgo Shakespeare e os escritores contemporâneos Albert Camus e Philip Roth.

Verifica-se que, no início do trecho destacado, o autor constrói uma imagem de si (*ethos*) pessimista, manifestado pela escolha lexical *tragédia* e *todo café da manhã*. Além disso, pode-se verificar a antecipação do argumento de autoridade em “essa concepção grega de mundo que julgo a mais correta já pensada”. A esse respeito, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 351, grifo nosso), afirmam: “Muitas vezes, *antes de invocar uma autoridade*, costuma-se confirmá-la, consolidá-la, dar-lhe a seriedade de um testemunho válido”.

O articulista prossegue, então, invocando as autoridades que compartilham a visão anteriormente defendida e confirmada:

Aqui tenho grandes parceiros como o autor da tragédia ática Sófocles (entre outros), o filósofo Nietzsche, o dramaturgo Shakespeare e os escritores contemporâneos Albert Camus e Philip Roth.

² O artigo que constitui o *corpus* deste trabalho encontra-se no anexo exposto na íntegra.

³ Também denominadas “argumentos”.

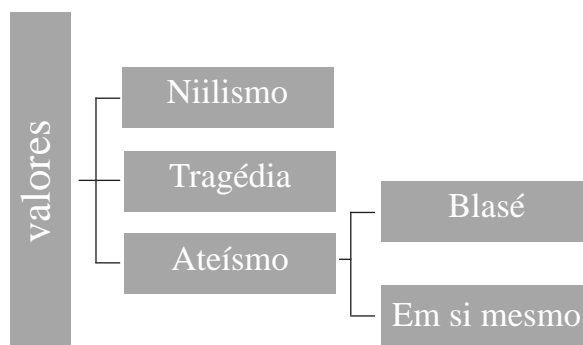
Percebemos, no trecho acima, a menção de autores consagrados que compartilham a mesma visão trágica. A citação de autoridade surge não apenas para fundamentar a tese defendida como também para construir a própria autoridade do autor, como em: *Aqui tenho grandes parceiros* (grifo nosso). Ou seja, ao chamar de *grandes parceiros* os autores supracitados, o autor se inclui nesse grupo de renomados pensadores, sendo assim, ele mesmo se constitui num argumento de autoridade. Nesse caso, o *ethos* adquire uma função argumentativa. Acerca disso, Meyer (2007, p. 35) afirma que “o *éthos* é o orador como princípio (e também como argumento) de autoridade”.

O orador prossegue:

Ambos, niilismo e tragédia, são visões de mundo que arruinam a vida. Diante deles, ateísmo é para iniciantes. O ateísmo só é aceitável quando blasé e sem associações de ateus militantes. Para niilistas como eu, o ateísmo crente em si mesmo é brincadeira de meninas com fita cor-de-rosa amarrada na cabeça.

A partir daqui, podemos perceber uma hierarquia dos valores mencionados pelo autor. A princípio, convém elencá-los: niilismo, tragédia e ateísmo (subdividido em *blasé* e *crente em si mesmo*). Acerca da hierarquia de valores, temos as seguintes considerações: “As hierarquias de valores são, decerto, mais importantes do ponto de vista da estrutura de uma argumentação do que os próprios valores” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 92).

Podemos, assim, visualizar, por meio de um diagrama, a hierarquia estabelecida pelo orador. Pode-se estabelecer a ordem desses valores mediante os qualificadores atribuídos pelo articulista a cada valor posto na argumentação.



Ademais, no mesmo excerto, o articulista, ao utilizar a expressão “*brincadeira de meninas com fita cor-de-rosa na cabeça*” para qualificar o ateísmo crente em si mesmo, atribui a esta atitude um caráter infantil. Vejamos a expressão completa: *o ateísmo crente em si mesmo é brincadeira de meninas com fita cor-de-rosa amarrada na cabeça*. É possível verificar aqui uma expressão metafórica. “A metáfora exprime um argumento condensando-o, tornando-o mais contundente” (REBOUL, 2004, p. XVIII). Além disso, Meyer (1998, p. 117, grifo do autor) afirma que “a metáfora joga com uma identidade máxima [...] proclamando uma semelhança entre dois domínios ou conjuntos disjuntos”. Entre os dois domínios haverá um elo conjuntivo que os unirá; nesse caso, o caráter infantil une os dois comportamentos supracitados.

Dando prosseguimento ao texto:

Nos últimos tempos, tenho me interessado por outra virtude, a confiança, essa, tão difícil quanto a coragem, uma vez tomada a alma pelo niilismo e pela tragédia. É sobre ela que quero falar nesta segunda-feira, dia normalmente difícil, acompanhado do “bode” do domingo e da monotonia do dia a dia que recomeça imerso num sono que nunca descansa, porque sempre atormentado pela dúvida com relação ao amor, à família, ao trabalho e à viabilidade do futuro.

No excerto acima, percebe-se a inclusão de um novo valor (a confiança) e o início de um redirecionamento na ordenação dos valores discutidos ao longo da narração (*Tenho me interessado por outra virtude*). Ainda, o autor faz menção à segunda-feira e procura definir esse dia da semana. Contudo, não se trata de uma habitual definição a que estamos acostumados: temos aqui a figura de escolha⁴ denominada *definição oratória*. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 195-196, grifo dos autores) assim definem a figura:

A definição oratória é uma figura da escolha, pois utiliza a estrutura da definição, não para fornecer o sentido de uma palavra, mas para pôr em destaque certos aspectos de uma realidade que correriam o risco de ficar no último plano da consciência.

Os autores prosseguem dizendo que o caso da definição oratória mostra-nos claramente que o caráter anormal de uma estrutura pode possuir um ponto de vista duplo. De um lado, tem-se a *definição oratória* que, embora apresente a estrutura de uma definição, não desempenha o papel desta; de outro, o efeito produzido pela qualificação, ou seja, pela escolha, é produzido em função da *definição oratória*. Sendo assim, este segundo aspecto (funcional) remete-nos à ação sobre o auditório, portanto tal figura é definida como de escolha.

O autor continua.

Ando de saco cheio do niilismo e da tragédia, apesar de continuar experimentando-os todo dia. Em termos morais, a virtude máxima para ambos é a coragem, e o vício mais a mão, a covardia.

Mais uma vez a escolha lexical, agora por meio da expressão *saco cheio*, revela um *ethos* de insatisfação. Tal escolha, quando associada ao termo/valor “niilismo”, confere a este uma conotação negativa, de desaprovação. a

Dando continuidade:

Meu maior pecado como escritor é jamais enganar, jamais querer agradar. Essa é minha forma de prestar respeito a quem me lê semanalmente. O caráter de alguém que escreve é medido pela ausência de desejo de agradar a quem o lê.

No excerto acima, é possível perceber o diálogo do orador com o auditório. Primeiramente, percebe-se a manifestação do *ethos* de pessimista pela seleção lexical “meu maior pecado” e pela possível despreensão do articulista em querer agradar.

⁴ “Figuras de escolha: um fato é selecionado e contextualizado. O orador, por meio da linguagem figurada [...], encontra uma maneira de qualificá-lo, caracterizá-lo e interpretá-lo, de acordo com seu interesse argumentativo” (FERREIRA, 2010, p. 128).

Na expressão *Essa é minha forma de prestar respeito a quem me lê semanalmente*, o orador constrói sua própria imagem (daquele que não quer agradar) em função da imagem que ele faz do seu auditório (que quer ser respeitado). “O conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 23). Ainda segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 27), “nenhum orador [...] pode descuidar desse esforço de adaptação ao auditório”. Ainda como o processo de construção da autoimagem, o orador conclui, no excerto em questão, dizendo que *o caráter de alguém que escreve é medido pela ausência de agradar a quem o lê*. Como o próprio autor afirmou anteriormente que não pretende agradar, ele mesmo conduz ao seguinte raciocínio:

Meu maior pecado como escritor é [...] jamais querer agradar >o caráter de alguém que escreve é medido pela ausência de agradar a quem o lê; logo = o orador tem caráter.

O orador afirma seu (bom) caráter segundo critérios por ele mesmo estabelecidos. Veja que o *ethos* de caráter adequado foi construído mediante o recurso ao *logos* por meio do silogismo. Tringali (1988) comenta que o silogismo é uma forma de argumentar que, estabelecidas as premissas, seja seguida uma conclusão – que deve ser inevitável. No exemplo analisado, pudemos observar o silogismo dialético.⁵

O articulista continua sua argumentação trazendo um dos valores discutidos no artigo: o amor.

O amor [...] é personagem central da obra do dinamarquês Soren Kierkegaard “As Obras do Amor” [...]. Esse livro é o texto mais belo que conheço sobre o amor na filosofia ocidental. Segundo nosso existencialista, o amor tudo crê, mas nunca se ilude porque, assim como a desconfiança e o ceticismo, o amor sabe que o conhecimento não é capaz de nada além do que fundamentar o niilismo, o ceticismo e o desespero.

Kierkegaard é mencionado por meio de seu livro *As obras do amor*. Temos o argumento de autoridade tanto pela citação do livro como através da menção de seu autor – o filósofo e teólogo dinamarquês do século XIX Soren Kierkegaard. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), as autoridades invocadas podem ser muito variáveis: ora será “o parecer unânime”; ora serão determinadas categorias de homens: “os cientistas”, “os filósofos”, “os Padres da Igreja”; por vezes a autoridade será impessoal: “a física”, “a doutrina”, “a religião”, “a Bíblia”; por vezes se tratará de autoridades designadas nominalmente. E, mais uma vez, é possível perceber que o articulista não somente invoca a autoridade (o livro *As obras do amor*) como também a qualifica positivamente a fim de ratificar o seu argumento: *Esse livro é o texto mais belo que conheço sobre o amor na filosofia ocidental*.

Prosseguindo, podemos verificar a presença da figura *enálage* por meio da transformação de um “eu” que até então estava se manifestando no processo argumentativo, para um “nosso”, vejamos: *Segundo nosso existencialista...* A figura identificada é um artifício retórico que une uma figura de presença com a figura de comunhão, uma vez que

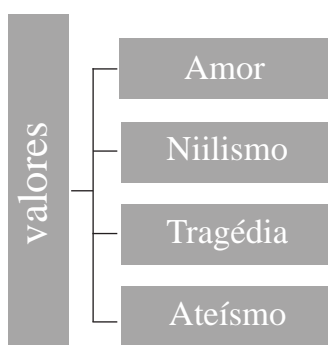
⁵ Trata-se do raciocínio oriundo de premissas prováveis, ou seja, reconhecidas pela maioria do comum dos homens. A conclusão, diferentemente do silogismo apodítico, é provável, dialético. Tanto as premissas quanto a conclusão são objeto de opinião – não a verdade do raciocínio científico, mas a verossimilhança que concorda com a crença mais comum.

busca a integração com o auditório (FERREIRA, 2010). Além da *enálage*, outra figura identificada no fragmento em análise foi a *personificação* como em: *o amor tudo crê, mas nunca se ilude [...], o amor sabe que o conhecimento não é capaz de nada...* Fiorin (2014), ao se referir à *personificação*, afirma tratar-se de uma “impropriedade” semântica, pois são atribuídas virtudes e ações humanas a entes abstratos ou concretos não humanos. Nesse tropo, com o objetivo de intensificar o sentido, há um alargamento do alcance semântico dos termos designativos. Então, nós temos um *amor que tudo crê*, que *nunca se ilude* e um *amor que sabe...* “Crer”, “iludir” e “saber” são ações verbais executadas por seres humanos; aqui, são atribuídas a uma virtude abstrata com objetivo de ampliar o sentido.

O articulista continua, então, sua argumentação:

O amor é um afeto moral, não um ato da razão. A razão não justifica a vida. O amor é uma escolha de investimento na vida, uma atitude, mesmo que a razão prove a falta de sentido último de tudo.

Vimos, anteriormente, um diagrama representando a hierarquia de valores estabelecida pelo autor. Nele, pudemos perceber, na ordem decrescente, os seguintes valores hierarquizados: niilismo, tragédia e ateísmo (subdividido em *blasé* e *crente em si mesmo*). A partir desse ponto do texto, verificamos a inserção de um novo valor (o amor) e a (re) hierarquização dos valores, vejamos:



O autor, então, conclui.

Ingênuos são os niilistas e céticos que consideram a desconfiança um ato livre da vontade. A desconfiança é uma escravidão. A aposta na vida é que mostra o caráter maduro de mulheres e homens. Boa semana.

Na peroração, os valores ainda são trazidos e evidenciados por meio dos qualificadores: niilistas e céticos são *ingênuos*; a desconfiança é uma *escravidão* e, a aposta na vida, ou seja, a confiança, é *que mostra o caráter maduro de mulheres e homens*. A (re) hierarquização dos valores esteve presente durante todo o processo argumentativo. Vale lembrar que o que importa num processo argumentativo não são os valores em si e sim em como tais valores são hierarquizados pelo orador. Mesmo que o colunista seja pessoalmente adepto ao niilismo e à tragédia, nesse artigo, especificamente, foi demonstrado (por meio da hierarquia de valores e do *ethos*) que, pelo contrário, a confiança (e o amor) é que demonstram o caráter de homens e mulheres.

Além disso, é possível perceber o apelo ao *pathos* nessa fase final do artigo. Uma vez que, nessa etapa, são resumidos os pontos mais importantes do discurso com a finalidade de reavivar a memória dos ouvintes e *causar influência pela emoção* (DAYOUB, 2004, grifo nosso).

Considerações finais

Vimos, no início deste artigo, que as provas retóricas (*ethos*, *pathos* e *logos*) visam à fundamentação da opinião do orador. Ele as articula visando ao convencimento do auditório e à adesão das ideias apresentadas. Por meio da análise, foi possível perceber que as provas não são utilizadas isoladamente. Antes, elas atuam conjuntamente e cooperam, mutuamente, para a condução argumentativa.

O presente artigo objetivou averiguar a atuação do *ethos* como estratégia argumentativa no artigo de opinião – gênero eminentemente retórico. Contudo, percebemos que, tal estratégia, ou seja, a construção da imagem de si realizada pelo articulista com vistas à persuasão, somente foi possível graças ao recurso ao *logos*. Vale lembrar que o *ethos* retórico é manifestado no discurso mediante as escolhas linguísticas feitas pelo orador (EGGS, 2005). Sendo assim, o que importa não é o caráter empírico do autor e sim a imagem que ele constrói por meio do discurso. Pode-se confirmar essa afirmação pelo fato de que, embora o articulista seja pessoalmente adepto ao niilismo, no artigo analisado, o posicionamento do orador não foi favorável a este valor e sim a um valor contrário (que pressupõe certo otimismo): a confiança. Vejamos agora como se deu a relação entre as escolhas linguísticas e a constituição do *ethos* do orador.

O ***ethos de pessimista*** foi manifestado pelas escolhas lexicais *tragédia* e *todo café da manhã*; o ***ethos de autoridade*** foi construído pela citação de autoridade, ou seja, ao trazer ao texto filósofos renomados e incluir-se nesse grupo (ao chamá-los de *grandes parceiros*), o orador constituiu-se num argumento de autoridade – num *ethos* de autoridade; o ***ethos de insatisfação*** se deu, também, pela escolha lexical *saco cheio*; finalmente, verificamos o ***ethos de caráter adequado*** por meio do silogismo dialético: *Meu maior pecado como escritor é [...] jamais querer agradar > o caráter de alguém que escreve é medido pela ausência de agradar a quem o lê; logo = o orador tem caráter.*

Todas essas construções foram articuladas pelo autor com o objetivo de construir uma imagem de si coerentes com os propósitos da argumentação. De forma predominante, foi possível verificar a presença do *ethos* (nas manifestações acima elencadas) como prova orientada à persuasão. Além disso, o *logos* atuou como coadjuvante nesse processo de construção da autoimagem realizada pelo orador.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- DAYOUB, K. M. *A ordem das ideias: palavra, imagem, persuasão: a retórica*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- EGGS, E. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

- FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Linguagem e Ensino).
- FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MELO, J. M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MEYER, M. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*, Lisboa: Edições 70, 1998.
- _____. *A retórica*. Tradução de Marli M. Peres. São Paulo: Ática, 2007. (Série Essencial).
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*, São Paulo: Duas Cidades, 1988.

ANEXO: “Para além do niilismo” – (06/05/2013)

O leitor sabe que meu pecado espiritual é o niilismo. Enfrento-o dia a dia como qualquer moléstia incurável. O tema já foi tratado por gênios como Nietzsche, Turguêniev, Dostoiévski, Cioran. Deixo meu leitor em companhia desses gigantes, muito melhores do que eu.

A tragédia também me acompanha em todo café da manhã, essa concepção grega de mundo que julgo a mais correta já pensada. Aqui tenho grandes parceiros como o autor da tragédia ática Sófocles (entre outros), o filósofo Nietzsche, o dramaturgo Shakespeare e os escritores contemporâneos Albert Camus e Philip Roth.

Ambos, niilismo e tragédia, são visões de mundo que arruinam a vida. Diante deles, ateísmo é para iniciantes. O ateísmo só é aceitável quando blasé e sem associações de ateus militantes. Para niilistas como eu, o ateísmo crente em si mesmo é brincadeira de meninas com fita cor-de-rosa amarrada na cabeça.

Ando de saco cheio do niilismo e da tragédia, apesar de continuar experimentando-os todo dia. Em termos morais, a virtude máxima para ambos é a coragem, e o vício mais a mão, a covardia.

Nos últimos tempos, tenho me interessado por outra virtude, a confiança, essa, tão difícil quanto a coragem, uma vez tomada a alma pelo niilismo e pela tragédia. É sobre ela que quero falar nesta segunda-feira, dia normalmente difícil, acompanhado do “bode” do domingo e da monotonia do dia a dia que recomeça imerso num sono que nunca descansa, porque sempre atormentado pela dúvida com relação ao amor, à família, ao trabalho e à viabilidade do futuro.

Meu maior pecado como escritor é jamais enganar, jamais querer agradar. Essa é minha forma de prestar respeito a quem me lê semanalmente. O caráter de alguém que escreve é medido pela ausência de desejo de agradar a quem o lê.

Amar cães e confiar neles é mais fácil do que amar seres humanos e confiar neles. Por isso, num mundo atormentado pela dúvida niilista, ainda que em constante denegação dela, tanta gente se lança à defesa melosa de cães e gatos e exige carne de frangos felizes na hora de comer em restaurantes ridículos.

Quero propor a você duas obras. Um filme e um livro que julgo entre os maiores exemplos da arte a serviço da confiança na vida.

O filme “As Damas do Bois de Boulogne”, do cineasta francês Robert Bresson, de 1945, é uma pérola sobre a confiança na vida e nos laços afetivos. Bresson é um cineasta muito marcado pelo pensamento do escritor George Bernanos, grande anatomista da alma e especialista em nossa natureza vaidosa, mentirosa e, por isso mesmo, desesperada. Coisa para gente grande, rara hoje em dia, neste mundo governado por adultos infantis.

O filme trata da vingança de uma mulher belíssima contra seu ex-amante (que a abandonou), um homem frívolo e covarde por temperamento. Essa vingança se constitui na aposta de que ele e a mulher que ela “contrata” para sua vingança agirão do modo esperado. Sua intenção é fazer com que seu ex-amante se apaixone por essa mulher “contratada”, uma prostituta.

O homem é mantido na ignorância da vida pregressa de sua noiva até depois do casamento. O que a mulher abandonada não contava é que a prostituta se apaixonasse pelo covarde, levando-o a transformação inesperada de caráter.

O amor também é personagem central da obra do dinamarquês Soren Kierkegaard “As Obras do Amor”, da Vozes. Esse livro é o texto mais belo que conheço sobre o amor na filosofia ocidental.

Segundo nosso existencialista, o amor tudo crê, mas nunca se ilude porque, assim como a desconfiança e o ceticismo, o amor sabe que o conhecimento não é capaz de nada além do que fundamentar o niilismo, o ceticismo e o desespero.

O amor é um afeto moral, não um ato da razão. A razão não justifica a vida. O amor é uma escolha de investimento na vida, uma atitude, mesmo que a razão prove a falta de sentido último de tudo.

Ingênuos são os niilistas e céticos que consideram a desconfiança um ato livre da vontade. A desconfiança é uma escravidão. A aposta na vida é que mostra o caráter maduro de mulheres e homens. Boa semana.